

CONTINENTE: Entrelaçando práticas locais e artísticas para pensar a paisagem do sul do Rio Grande do Sul.

PEDRO ELIAS PARENTE DA SILVEIRA¹;
EDUARDA GONÇALVES AZEVEDO²; FELIPE MERKER CASTELLANI³

¹Universidade Federal de Pelotas – pepsilveirarts@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com (orientador)

³Universidade Federal de Pelotas - felipemerkercastellani@gmail.com (coorientador)

1. INTRODUÇÃO

Neste texto¹ apresento um recorte da pesquisa que desenvolvo na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes Visuais da UFPel, e que possui apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e vincula-se ao projeto de pesquisa Deslocamentos e Cartografias Contemporâneas, *DESLOCC* (CNPq/UFPel).

Discurso sobre o procedimento artístico intitulado de *Continente*, que decorre de práticas encontradas na Zona Rural de Piratini, no Rio Grande do Sul, tais como os sistemas de medidas e operações locais de esquadrear a terra para o plantio, que são utilizadas no campo e tomadas em meu processo de criação como procedimentos artísticos que visam a redução da imensidão desse lugar, mais especificamente da chácara de meu pai, onde cresci e vivi até 2014. Considero esse lugar um “laboratório” que subsidia minha pesquisa e produção artística. Deste modo, busco abarcar esse contexto, por meio de objetos, as maneiras de habitá-la e sua identidade cultural, que reverberam nos meus modos de pensar e fazer arte.

Assim sendo, estabeleço neste texto, paralelos conceituais com as operações de *Arte Física* do artista Cildo Meireles, bem como Nelson Félix e sua proposição *Método para o descontrole de localidade*. Os artistas se localizam na pesquisa enquanto parâmetros para pensar operações que visam o enfrentamento de espaços em escalas geográficas.

Ao conceituar as maneiras de praticar o espaço, para esclarecer a relação entre objetos, pessoas e a paisagem na constituição de uma “retórica” do contexto vou de encontro à dimensão teórica em Milton Santos e Michel de Certeau. Esses modos de habitar estão ligados com a geografia local, cheia de escarpas, morros, que a diferencia da caracterização comumente atribuída a paisagem do Sul do RS, como sendo constituída de planícies. Deste modo, durante a pesquisa, encontro nas discussões trazidas pelo geólogo, Rualdo Menegat um campo fértil para pensar a identidade do lugar.

Assim, a partir do encontro com o cotidiano da zona Rural de Piratini, procuro uma conjunção entre operações locais e artísticas, que daqui e por meio da arte, conectam o sul a outras coordenadas poéticas e a constituição de produção com saberes e meios singulares.

2. METODOLOGIA

¹ Este texto é uma versão reduzida e de referenciais diferentes do artigo: “Continente práticas fragmentárias para pensar uma paisagem” com o qual participei do 29º encontro da ANPAP.

Em âmbito prático do estudo realizei deslocamentos físicos e mentais como uma maneira pela qual me (re)conecto ludicamente à circunstâncias cotidianas dessa paisagem rural, onde cresci, observando os modos de vida que nela se fazem presente. Essas prospecções se deram por meio do caminhar e da fotografia, que quando realizados em conjunção fundam um conceito operatório que entendo como um *caminhar coletor*, de motivos para minha produção.

Desta maneira me deparei com arranjos construtivos, que surgem da articulação de materiais ao acaso para produção de objetos que auxiliam nos afazeres da vida do campo e que nomeio de *gambiarrras sulinas*². Dentre eles o *marcador carretel*, que está aliado a métodos locais, de medir e prospectar a localidade, que são articulados com esse objeto e que se convertem para mim, em maneiras e ler e entender o mundo e que formam o *Continente*.

3. DISCUSSÃO.

O método que converge essas práticas está atrelado ao cultivo da terra, e serve para o plantio de feijão, milho e outras coisas. Ele possui o *marcador/carretel* como elemento central da operação, juntamente de estacas (pontos guia), que servem para delimitar os canteiros da lavoura. Tendo em vista que o objeto utilizado por meu pai é feito de sobras de materiais, e que tem como preceito a efemeridade em sua constituição, recriei-o acentuando algumas características. Esse método de esquadrear, geralmente é utilizando juntamente de um sistema de medidas que é comum a meu pai, que consiste em utilizar as partes do próprio corpo como trenas, sejam elas estabelecidas convencionalmente como um palmo, uma polegada, até as mais diversas variações por ele inventada e que servem para agir no entorno.



Figura 1. Pedro Elias Parente, Continente, Fotografia, 2020

Unindo essas duas técnicas, desenvolvi um procedimento de redução da paisagem, no qual me desloco para o meio do campo, e nele deposito os pontos guia, e neles passo a linha, que rebobino por meio de movimentos circulares do *marcador/carretel*, até formar *Continente* (Fig.1), com cerca de 10m². Logo em seguida reduzo essa área, para algo em torno de 7m², e na sequência 4m². Esse método permite uma contração ou expansão indeterminada da área. Dependendo do tamanho da linha utilizada no *marcador/carretel*, pode-se, constituir uma área

² Para saber mais acerca disso, ver texto publicado na edição de numero 28 da revista palíndromo: Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/16488>. Ressalto que não me aprofundo neste texto sobre os modos de habitar, e as operações “bricolagem e gambiarra” que são empregados nessa paisagem.



para atuação que tenha milhares de metros quadrados, bem como uma com pouco mais de 1m². Juntamente disso, utilizei meus pés, que possuem cerca de 30cm, e aproximei a escala dessa paisagem com a de meu corpo, por meio de um sistema de medida simbólico que criei. Cada centena representada no mapa corresponderia a um passo. Assim, se um lado do terreno possuía 252,00m, eu o representaria dentro de *Continente* por meio de dois pés e meio. Desta maneira, restringi a área onde eu realizaria a ação de recortar a paisagem, por meio de um processo de cavar, por meio do qual, retiro meu peso (90 kg) em terra.

Pensando na recorrência de processos semelhantes na história da arte, chego na noção de *arte física*, de Cildo Meireles, que no final da década de 1960 desenvolveu uma série de operações, que tinham como o enfrentamento de escalas monumentais, geográficas, como o trabalho *Cordões/30 km de linha estendidos* (1969) no qual deposita um cordão de 30km no percurso que o artista realiza entre Rio e São Paulo. O artista tira a medida dessa distância e condensa esse espaço em sua maneira de apresentar o trabalho, com o mapa da localidade e o fio embolado, onde os 30km se transformam em alguns centímetros. Segundo Diego Matos: “trata-se de uma real experiência da sensação de perda de largura desse ambiente, um estreitamento inequívoco do espaço” (2014, p. 111)

Outro artista que contribui para o entendimento de minha operação é Nelson Félix suas ações em *Método Poético Para Descontrole de Localidade* (1986-2017) por meio das quais o artista realiza uma série de deslocamentos no ao redor do globo terrestre. Nesses lugares percorridos pelo artista, realiza operações que visam traduzir a ideia de espaço, num processo de referenciação entre espaços por meio de procedimentos que envolvem principalmente o desenho e a escultura.

O trabalho desses artistas visa o contingenciamento de situações em espaços geográficos, ligando diversos contextos, trabalhando diversas significações, especialmente das relações de enfrentamento do artista com o mundo. Noto, porém, que no caso dos trabalhos citados, a singularidade dos espaços aparece muitas vezes de maneira moderada. O *Continente* que estipulo, surge também da minha tentativa de ampliar meus modos de atuar em relação ao espaço e um enfrentamento da imensidão do mundo. Mas em contrapartida, noto que meu trabalho se singulariza justamente por um estreitamento e reverberação da constituição humana e local, desse contexto do sul do Rio Grande do Sul, do qual eu venho, e que resulta numa outra concepção da paisagem desse lugar.

A espacialidade desse lugar, fundada pela articulação de ações humanas, objetos e a geografia, que constituem maneiras singulares de se mover, olhar e habitar, é que busco, de certa maneira, sintetizar por meio da reconstrução desse método. Na articulação desses elementos se evidencia a vida nessa localidade. O geógrafo brasileiro Milton Santos, ao discorrer sobre a relação entre espaço, paisagem e objetos, afirma que “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (1998, p. 67). De certa maneira, esse método de esquadrear a terra para o plantio e os objetos neles utilizados, se colocam como um enunciadores de modos de habitar e viver nessa paisagem, de modo semelhante ao que o historiador Michel de Certeau (1998) fala em *A invenção do Cotidiano*, a respeito dos atos de enunciação que ocorrem por meio da fala, ou o caminhar. Podemos compreendê-lo também, por um viés da prática de lugar, conceito sobre o qual Michel de Certeau discorre ao pensar os termos *lugar* e *espaço*. O autor afirma que: O espaço estaria em relação ao lugar da mesma forma que a palavra

quando é pronunciada [...] em suma, o espaço é um lugar praticado. (CERTEAU, 1998, p.202)

Esses modos de habitar estão ligados a geografia local, cheia de escarpas, morros, que a diferencia da caracterização, muitas vezes romantizada, da literatura, que comumente atribuí a paisagem do Sul do Rio Grande do Sul, como sendo constituída majoritariamente de planícies, se assemelhando ao grande pampa Argentino. O geólogo Rualdo Menegat, ao discorrer sobre a geomorfologia que caracteriza a paisagem do Rio Grande do Sul e analisá-la em relação aos aspectos do pampa argentino, aponta que a chamada *Serra do Sudeste gaúcho*, “define-se por cristas montanhosa e cerros agudos, bem escarpados, que ultrapassam 400m de altitude [...] nessa região, o pampa sul-rio-grandense é muito mais montanhoso e ondulado que o argentino” (2017, p.262). É nessa região, segundo o autor, nada plana, que se localiza um canal fluvial significativo, fator que não seria possível no pampa argentino, devido ao terreno ser plano, de pouco escoamento hídrico. É por causa dessa e de outras diferenças geológicas, que o Rio Grande do Sul é composto por uma diversidade maior na fauna, flora e de paisagens (2017, p.259). A utilização dessa paisagem, como o autor coloca, de “empréstimo”, ocorre em função da divisão de traços identitários entre o gaúcho do Rio Grande do Sul com o argentino e o uruguaio (2017) e que visam fundar uma identidade do gaúcho. Porém durante o trabalho e a pesquisa me são reveladas as diferenças e distâncias, entre o discurso e a forma que se nomeia a paisagem, de sua real constituição, de suas singularidades, que acabam sendo deixadas de lado ao generalizá-la como plana igual ao Pampa Argentino.

4. CONSIDERAÇÕES

Continente se encontra em elaboração e, é uma das etapas de um trabalho mais amplo, que visa dar a ver por meio de imagens e objetos, a singularidade dessa paisagem sulina, que só se tornou perceptível para mim mediante ao transito entre o campo e a cidade e, especialmente a partir de um olhar sensível, permeado por experiências promovidas pelas artes visuais. O contato com a pesquisa, com outros modos de ver e pensar essa paisagem evidenciou para mim a necessidade de fazer ecoar o contexto local, de propor outros olhares para esse lugar que está longe dos grandes centros, sejam eles culturais ou econômicos. Assim, busco esmiuçar aspectos desse cotidiano sulino e o relacionar com o campo da arte, ampliando a visibilidade em torno de certas características da vida nele se apresentam, por meio da produção e pesquisa em arte que aqui apresento.

5. BIBLIOGRAFIA.

- SANTOS; Milton. **A natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2004.
- CERTEAU; Michel. **A invenção do cotidiano - 1**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ : Editora Vozes Ltda, 1998. p.351.
- MATTOS; Diego. **Cildo Meireles – espaço, modos de usar**. 2014. Diego Moreira Matos. – São Paulo, 2014.258p. Tese de Doutorado, FAUUSP.
- MENEGAT, R. in: **nós outros gaúchos: as identidades dos gaúchos em estudo interdisciplinar** [recursos eletrônicos]/ organizadores Jaime Betes [e] Sinara Robin – porto alegre, editora ufrgs, 2017, p. 244-265. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/164107>. Acessado em: 07/08/2017.